

Asuncion Horno-Helgado, Eliana Ortega, Nancy Saporta Sternbach. *Breaking Boundaries; Latina Writing and Critical Readings.* Amherst, The University of Massachusetts Press, 1989.

Breaking Boundaries é o resultado direto do Tenth Symposium of Spanish and Portuguese Bilingualism que teve lugar na Universidade de Massachusetts em novembro de 1986. As autoras, Asunción Horno-Helgado, Eliana Ortega, e Nancy Saporta Sternbach, passaram de dois a três anos coletando e selecionando o material que comporia o livro. Um trabalho de anos, um trabalho de equipe, um trabalho que valeu a pena.

O livro é dividido, basicamente, entre testemunhos e estudos críticos de obras de latinas. Outra divisão é feita por país de origem das autoras. Isto facilita a compreensão de alguns aspectos, e, como veremos mais tarde, também causa uma série de outros problemas. Mas vamos primeiro à questão da facilitação.

Na parte I, temos os **testimonios** de Denise Chavez ("Heat and Rain"), é de Helena Maria Viramontes ("Nopalitos: The Making of Fiction"), seguidos de estudos das obras de Estella Portillo Trambley, Cherrie Moraga, Sandra Cisneros, Cecile Pineda, Evangelina Vigil e Ana Castillo. Este é o grupo das chicanas, considerado o mais antigo grupo de latinas nos Estados Unidos e o grupo que iniciou o trabalho de representação literária da mulher latina aqui neste país. As obras analisadas vão de contos, a romances e poemas, os quais retratam a necessária e diária luta deste grupo para sobreviver num ambiente anglo, enfrentando racismo em todos os setores e tentando manter sua dignidade humana frente equilo que oprime mulheres latinas (e homens também). Mas, como corretamente apontado por Norma Alarcon em seu excelente estudo "The sardonic Powers of the Erotic in the Work of Ana Castillo" (94-107), essas mulheres artistas têm mais com que se enfrentar que o perigo branco-anglo. Alarcon lê contra a norma que estabelece que o trabalho de Ana Castillo é exclusivamente "poesia engajada," de conotação política.

Ela encontra, no trabalho da poeta, ressonâncias contra *The Labyrinth of Solitude*, de Octavio Paz (1950), o qual afirma que o acordar sexual das mulheres será operado por homens, e a reavaliação de *The Three Marias: New Portuguese Letters* (1975), das autoras portuguesas Maria Tereza Horta, Maria Isabel Barreno, e Maria Velho da Costa, as quais acreditam que a percepção masculina da sexualidade da mulher se infiltra em todos os níveis da existência feminina.

O que há de comum em todas as chicanas chamadas a prestar seu testemunho, e nas demais cuja obra é analisada, é a sua identificação com a figura histórica da Malinche. Como seres bilingües, vivendo em um país que, primeiro não é o seu, e segundo é responsável por opressão nos seus países de origem, estas mulheres passam por várias fases de atração e repulsa, guerra e paz, tanto com seu país de origem como com o seu país de residência. Ao mesmo tempo, todas reivindicam justiça para Malinche, justiça para a que, por força das circunstâncias, têm que cruzar espaços e abraçar outra cultura, buscando ao mesmo tempo não perder a própria, que as diferencia e as identifica como seres humanos específicos. Algumas dessas artistas dizem ser ou ter sido desconfiadas do movimento feminista americano, que poderia ser considerado mais uma armadilha branca para dissolver diferenças e abastecer as fileiras ideológicas delas, das feministas americanas. Além disso, muitas ressentem o contrato heterossexual obrigatório imposto por muitos ramos dessa escola feminista. Tudo isto explica porque as chicanas se identificam e se associam mais fácil e livremente com as negras americanas, com as quais, por razões de dupla marginalização, encontram mais entendimento e acolhida.

A parte II trata do grupo das porto-riquenhas. Aqui também a seção consta de dois testemunhos, por Nicholasa Mohr é Sandra Maria Esteves, e quatro seções críticas, analisando a obra de várias artistas. As porto-riquenhas, por serem legalmente consideradas cidadãs norte americanas, acabam tendo uma identidade cultural bastante complexa,

complexificada ainda mais agora na era do jato, quando uma pessoa pode ter contatos semanais com os parentes da ilha (isto é, uma pessoa que tem dinheiro pode ter esses contatos). Todas as artistas deste grupo falam da rejeição que sofrem por parte dos que ficaram em Porto Rico, tanto homens como mulheres artistas. Rejeitadas lá porque não hablan un espanol limpio, e discriminadas aqui porque their English is less than perfect, elas sentem que têm o país de Nova Iorque, com seus bairros pobres e seus companheiros de discrimínio em comum, como sua pátria.

O que é fascinante em todas as escritoras deste grupo é a sua afeição à figura da mãe. Essa afeição se complexifica no ensaio de Eliana Ortega, "Poetic Discourse of the Puerto Rican Woman in the U.S.: New Voices of Anacoan Liberation" (122-135), em que ela propõe uma releitura de Shakespeare/Próspero, em seguida do mito de Ariel (via Rodo, talvez?), e do próprio Retamar/Caliban, e pode justiça para Sycorax, mãe de Caliban, e a quem a ilha pertencia. Sycorax, para as porto-riquenhas, é a índia Anaçona, "índia de raza cautiva, de la region primitiva" (p. 122), homenageada em canção de Tite Curet Alonso. O apego à mãe, para as porto-riquenhas é, no entanto, mais que figura retórica. Bastante enriquecedor é o estudo de Lourdes Rojas, "Latinas at the Crossroads: An Affirmation of Life in Rosario Morales and Aurora Levins Morales' *Getting Home Alive*" (pp. 166-180).

A parte III trata do grupo das cubanas, chegadas aos Estados Unidos antes ou depois da revolução de 1959. Nesta seção temos os excelentes ensaios de Eliana Rivero ("From Immigrants to Ethnic: Cuban Women Writers in the U.S."), é de Alberto Sandoval ("Dolores Prida's *Coser y Cantar*: Mapping the Dialectics of Ethnic Identity and Assimilation"), é mais o testemunho de Dolores Prida. Entre as cubanas nota-se é uma grande capacidade para o humor, para a graça, sem deixar-se de lado os inevitáveis questionamentos político-ideológicos que sua situação provoca.

Na parte IV temos o grupo "miscelâneo", intitulado "Latinoamericanas from Other Countries." Aí temos os testemunhos de Bessy Reyna (cubana-panamenha), é de Sherazada (Chiqui) Vicioso (dominicana), é um estudo sobre a chilena Marjorie Agostín.

Em todos estes estudos e testemunhos, o problema da linguagem é fundamental. Muitas dessas artistas se confessam bilingües e bipartidas em duas culturas, a latina e a norte americana. Muitas dizem que a necessidade as fez dedicarem-se mais à língua inglesa. Todas têm medo de serem assimiladas, entapadas numa carapuça feita de encomenda nos Estados Unidos para todos os estrangeiros. Umas se aliam a grupos marginais americanos, outras preferiram unir-se ao seu grupo de origem. *Breaking Boundaries*, afinal, se transforma em um estudo de como algumas fronteiras foram rompidas e outras foram ligadas. Estas artistas, todas, estão vivendo um momento histórico de extrema importância. Marginais é marginalizadas que são dentro da sua própria cultura de origem por serem mulheres, elas encontram nos Estados Unidos outros níveis de marginalidade, em que o fato de serem mulheres é somente um fator a mais de marginalização, mas não o único. Elas fazem alianças, elas quebram tabus, elas rompem barreiras.

Entretanto, *Breaking Boundaries* têm o seu momento de aporia. Como podemos ver pela introdução, este livro é o resultado de um simpósio sobre bilinguismo espanhol e português. Todos os ensaios apresentados no livro tratam de latinas de língua espanhola, e de suas lutas entre duas línguas e duas culturas. Onde estão as latinas que não têm espanhol como língua nativa? Será que elas não existem nos Estados Unidos? Se não existem, por que houve um simpósio sobre bilinguismo em espanhol e português? O drama daquela "pequena parcela" de latino americanos que não nasceram em país de língua espanhola (pequena parcela de 120 milhões de pessoas), raramente se encontra representada, não só em termos dos Estados Unidos, como também em termos da (própria) América Latina. Para essas mulheres, essas latinas que

no hablan español, a luta aqui neste país é ainda mais dura. Nós brasileiros não só temos que dominar o inglês para sobreviver na sociedade americana, como também temos que aprender espanhol para falar com os demais latinos. Demais latinos que, aliás, raramente se esforçam por aprender a nossa língua. *Breaking Boundaries* só vem a confirmar este estado de coisas. Ou será que realmente não há nenhuma artista latina-brasileira nos Estados Unidos? Ou talvez a experiência delas não seja considerada importante? Entre as fronteiras que precisam ser quebradas, e não só pelas mulheres, mas por todos nos latinoamericanos, a fronteira separando o Brasil dos demais países de fala espanhola é talvez uma das mais urgentes. As fronteiras sacramentadas pela história precisam ser revistas é descartadas sempre que necessário. Há que começar por algum lugar: por que não num livro em que todas nós latinas de diversas línguas celebramos nossa latinidade?

Eva Paulino Bueno
Universidade de Pittsburgh

Julio Peñate (editor), *De Cervantes a Orovilca. Homenaje a Jean-Paul Borel*, Madrid, Visor Libros, 1990, 272 pp. (Distribución para Europa y América: Institut d'Espagnol, Université de Neuchâtel, Suiza).

En un lugar de Suiza de cuyo nombre todos nos queremos acordar, no ha mucho impartía su enseñanza... Así, parodiando o remedando la célebre novela, podríamos referirnos a la persona a quien va dirigido y por quien se ha llevado a cabo el libro *De Cervantes a Orovilca*. Libro en el que se mezclan el afecto y la sabiduría. Y no podía ser menos, pues la "locura" vital, necesaria y creadora del homenajeado, a través de más de treinta años de docencia en la cátedra de Lengua y Literatura españolas y latino-americanas, ha irradiado y calado en estudiantes y docentes, no sólo de Neuchâtel, sino de muchas

otras ciudades y universidades de Europa y América.

El libro recoge muestras de diferentes campos: metodología, filosofía, lingüística aplicada, obra de creación, análisis literario, España y América, al igual que Jean-Paul Borel lo hizo en su tiempo —lo hizo, lo hace y lo seguirá haciendo— parsimoniosamente, concienzudamente, con la mayor seriedad, teniendo siempre presente al ser humano y el mundo que le rodea y en el que vive.

De Cervantes a Orovilca. De Cervantes porque por él se inició a la lengua castellana y a través de él se identificó con el personaje inmortal, personaje que marcó su vida docente, pública y privada. Y hasta la Orovilca arguediana porque fue en busca de esa laguna, símbolo de lo imposible, en busca de la lengua y literatura andinas, en busca de respuestas a las preguntas e interrogantes sobre el continente latinoamericano.

Toda esta trayectoria y etapas del homenajeado tenían que aparecer en el libro. Tenían que aparecer y aparecen. Los que han colaborado en el mismo no podían ser ajenos a ello, ya que de una u otra manera han hecho una parte del recorrido junto al homenajeado, de una u otra manera han perseguido y persiguen la misma finalidad. Por eso, además de un libro homenaje, es también un conjunto de textos, análisis, reflexiones y creaciones, que permiten abarcar el ancho panorama de la enseñanza y la literatura, tal como hoy se las concibe.

El libro aparece dividido en cuatro grandes capítulos o apartados. El primero está dedicado a una reflexión sobre el método, con dos artículos, de Philippe Muller y Pierre Rossel, deteniéndose el primero en el pensamiento de Ortega y Gasset y el otro en el método capaz de alcanzar y producir conocimientos a través de la obra literaria.

El segundo gran apartado —Lengua y literatura— corre a cargo de los lingüistas Bernard Py, que se interroga sobre la adquisición de una lengua extranjera en el medio natural; Enrico Arcaini con un análisis contrastivo: lengua común y lenguas de especialidad; y Manuel Criado de Val con un ri-